

OS SINISTROS NAVAIS EM ÁGUAS BRASILEIRAS. 1. HISTÓRICO COM BASE NO “ARQUIVO BRASILEIRO DE SINISTROS NAVAIS” - ABSN -

Soto¹, J.M.R.; Delatorre², F.H.; Lanziotti³, M.; Lima⁴, C.T.

¹Chefe da Seção de Museus (ProPPEC-UNIVALI), Rua Uruguai, 458, Itajaí, SC, 88302-202, soto@univali.br; ²Presidente (Instituto Cultural Soto Delatorre), Av. Falcão, 2200, Bombinhas, SC, 88215-000, fernando@sotodelatorre.org.br; ³Gerente da Casa do Homem do Mar (CHM-Instituto Cultural Soto Delatorre), Av. Falcão, 2200, Bombinhas, SC, 88215-000, marcelo@sotodelatorre.org.br; ⁴Museu Oceanográfico Univali (ProPPEC-UNIVALI), Rua Uruguai, 458, Itajaí, SC, 88302-202, cristianotlima@univali.br

ABSTRACT

Since the XVI century the Brazilian coast became one of the most important navigation route, where thousands of shipwrecks were reported of many ways. This work shows a historical compilation and some remarkable cases of shipwrecks studied in Brazilian waters based on Brazilian Naval Accident File (ABSN).

Palavras chave: naufrágio, soçobro, encalhe.

INTRODUÇÃO

Devido à extensa costa, associada à maior malha fluvial do planeta, o Brasil é um dos países com o maior número de naufrágios registrados, estando intimamente ligados a nossa história, tendo sido muitas vezes fundamentais para o estabelecimento de pequenos povoados, hoje cidades. Naufrágios representavam as maiores perdas comerciais para os países europeus, não só pelo valor da carga, mas também devido aos altos custos e longo tempo necessário para ampliar e/ou manter a frota. Protegidos por lei e considerados patrimônio da União, abrigam artefatos de grande valor histórico, artístico e cultural, sendo muitas vezes saqueados ou indevidamente explorados. Considerando estas questões e sabendo que o mapeamento e a identificação destes sítios são fundamentais para a preservação dos mesmos, foi criado o “Arquivo Brasileiro de Sinistros Navais - ABSN”. No presente trabalho é apresentado um breve histórico sobre o estudo dos naufrágios em águas brasileiras, com base na pesquisa gerada para a formação do referido arquivo.

MATERIAIS E MÉTODOS

O ABSN foi criado pelo autor do presente trabalho em 1987 e atualmente é mantido e tutelado pelo Instituto Cultural Soto Delatorre (ICSD), através de seu museu naval, denominado Casa do Homem do Mar, com sede em Bombinhas, Santa Catarina. É composto por fichas padronizadas, específicas de cada evento e codificadas para a associação direta com fotografias, artigos em jornais e revistas, documentos, livros ou mesmo objetos depositados em museus. O referido arquivo considera sinistros navais (afundamentos, encalhes, incêndios, abalroamentos, etc.) de embarcações com mais de 45 pés (13,72m) em todo o Território Nacional, incluindo a Zona Econômica Exclusiva (ZEE). Também contempla o fichamento de embarcações brasileiras sinistradas em outros países ou em águas internacionais, além de um arquivo secundário com material relativo a sinistros navais em geral com propósito comparativo e histórico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Descartando as embarcações nativas e considerando apenas o período pós-cabralino, o primeiro naufrágio que se tem notícia no Brasil foi em 1503, o da nau capitânea da frota de Gonçalo Coelho, que se chocou em uma rocha no Arquipélago Fernando de Noronha. Já este primeiro naufrágio resultou na descoberta de um arquipélago, no estabelecimento de uma data oficial (bastante questionável) e na estranha divisão de uma frota de cinco embarcações restantes, entre outros fatos mal registrados, tratando-se de um ensaio da importância que os naufrágios teriam em nossa história. Os naufrágios sempre conquistaram espaço na mídia, não só com referência a vítimas humanas, mas também devido o valor do patrimônio sinistrado, que geralmente é expressivo. Em relação à mídia, o ABSN indica que os casos mais famosos ocorridos na costa brasileira foram os dos navios *Príncipe de Astúrias*, *Princesa Mafalda*, *Baependy*, *Bahia* e *Magdalena*, os quatro primeiros

com 445, 314, 269 e 337 mortos, respectivamente, e o último, apesar de não ter ocasionado vítimas fatais, devido à notoriedade da perda de um grande pacote de luxo, construído pelo mesmo estaleiro do *Titanic* e que também se perdeu na viagem inaugural (Fig. 1).

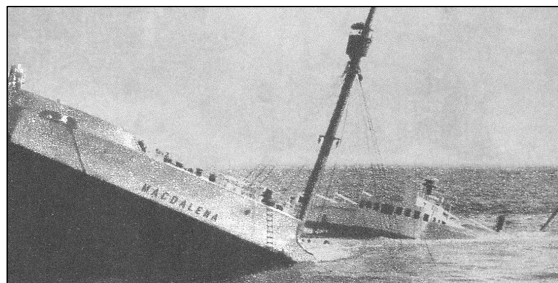


Fig. 1. O luxuoso paquete *Magdalena* da inglesa Royal Mail Lines, naufragando em 1949, após encalhar sobre a laje das Ilhas Tijucas, Rio de Janeiro, tratando-se da então maior perda desde a Segunda Guerra, apesar de não ter feito vítimas fatais. (Foto - ABSN)

Como pode ser observado, a notoriedade de um naufrágio pode ser atribuída a uma série de fatores, os quais são destacados o número de vítimas fatais, o valor do patrimônio perdido, a existência de objetos/carga de valor, as circunstâncias que se deu o ocorrido e também as consequências políticas geradas pelo sinistro. O evento considerado de maior valor histórico registrado no ABSN é muito provavelmente uma das maiores batalhas navais do Atlântico, conhecida como “Combate dos Abrolhos”, onde a frota hispano-lusitana, comandada pelo grande Almirante General da Armada do Mar Oceano Don Antonio de Oquendo, composta por 36 embarcações mistas, enfrentou a esquadra holandesa do General Adriaan Pater, representada por 18 barcos de guerra muito bem preparados e armados. O confronto deu-se em 12 de setembro de 1631, a cerca de 80 léguas ao largo de Abrolhos, levando o dia inteiro e causando a morte de mais de 1000 marinheiros, incluindo o general holandês que preferiu naufragar com sua embarcação. Quanto às fontes bibliográficas, o ABSN indica que podemos considerar que a primeira compilação que contemplou com propriedade os naufrágios no Brasil foi LEME (1938). A partir daí, um grande hiato se formou, onde citações pontuais de casos específicos saciavam a curiosidade do leitor, destacando a obra *Relíquias Navais do Brasil* (BRASIL.MARINHA, 1983). De forma geral, se constatou que a literatura sobre naufrágios publicada no Brasil é bastante reduzida se confrontada com o número de registros, basicamente representada por pequenos livros de reduzida tiragem, alguns tratando de toda a costa brasileira (GOES DE ARAÚJO, 2000, 2003), outros de cunho estadual, como MEDEIROS FILHO (1988), sobre o Rio Grande do Norte, MIRANDA (1991), sobre a Paraíba e ROSSINI (1999), sobre São Paulo, além das obras de abrangência local, como GOMES FILHO (1993), sobre Cabo Frio, ALVES & NEVES (2001), sobre Rio Grande e GALINDO (2001), sobre a Baía de Ilha Grande. Também há estudos específicos, como ROSSINI (1995), sobre o *Magdalena*. Afora as publicações mais populares, alguns impressos mais raros, na forma de livretos, foram publicados pelo Tribunal Marítimo através de diversas tipografias, tratando exclusivamente de naufrágios. Estes eram autorados pelos advogados de defesa do Lloyd Brasileiro, que sempre era questionado pelas seguradoras. Um dos casos famosos impressos desta forma foi o do *Norteloide* (GAMA e SILVA, 1948). Como instituição pioneira no estudo profissional dos naufrágios em nosso país, destacamos o Museu Naval e Oceanográfico da Marinha, no Rio de Janeiro, que mantinha os irmãos arqueólogos Luiz Fernando Cunha e Luiz Octávio Cunha, com a direção do Comandante Max Justo Guedes. O marco do início dos estudos desta instituição nesta área foi o trabalho de resgate de peças do *Galeão Sacramento*, em 1975, na costa de Salvador, Bahia, capitânia da frota da Companhia Geral de Comércio do Brasil, afundado em 5 de maio de 1668. Anterior a esta fase e de forma apaixonada, o conhecido “Senhor dos Naufrágios”, engenheiro suíço Carlos Alfredo Hablitzel, colecionava e arquivava tudo respectivo a naufrágios na costa brasileira, sendo um dos pioneiros do mergulho autônomo em nosso país através de suas coletas já em 1952. Chegou a fundar um museu particular, Museu Histórico Naval de São Vicente, que infelizmente acabou fechando as portas após seu falecimento. Das iniciativas civis, destaca-se a o do francês Denis Albanese, proprietário da “SALVANAV”, considerada, na década de 1980, a empresa brasileira melhor estruturada para localizar e explorar naufrágios, tendo inclusive colaborado com o Museu Naval em alguns projetos. Também o grego Jeannis Michail Platon, através do ex-caça-minas Hipocampo, se interessou pelos naufrágios da nossa costa, mais especificamente pelo *Príncipe de Astúrias*. Na década de 1980, os naufrágios ganham notoriedade, fato este inegavelmente impulsionado pelo desenvolvimento do mergulho autônomo no país, principalmente a partir de 1983. Nesta época, muitos grupos formados em escolas de mergulho se organizaram e passaram a explorar naufrágios. Dentre estes grupos destacamos a Sociedade Angrense de Pesquisas Subaquáticas (SANPESUB), mais voltada para estudos na Baía da Ilha Grande; a Equipe Basf-Glasurit de Mergulho Autônomo em Naufrágios, que

atuou principalmente na costa sudeste; o Grupo Archeo de Pesquisa Subaquática, com especial interesse no denominado “Naufrágio de Marataízes”, no Espírito Santo, coordenado pelo ainda atuante Marcello De Ferrari; e o Centro de Estudos Bio-Ecológicos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (CEBECLIM), fundado pelo autor do presente trabalho, que pesquisou, entre 1987 e 1993, principalmente os naufrágios da costa sul do Brasil, além de gerar o Arquivo Brasileiro de Sinistros Marítimos (ABSM), atual ABSN. Já em 1995, Maurício Carvalho e Carlos Arruda Accioly criaram o Sistema de Informações de Naufrágios (SINAU), em uma iniciativa inédita na América do Sul, disponibilizando um expressivo banco de dados, exclusivamente de embarcações afundadas na costa marítima brasileira. Este valoroso trabalho tem possibilitado cada vez mais a consulta de interessados via rede mundial de computadores, prestando um serviço raro, mesmo em países com grande tradição naval (CARVALHO & ACCIOLY, 2006). A Marinha do Brasil não mantém um local específico para tratar dos naufrágios em nossa costa, porém muitos dados podem ser obtidos através do Centro de Documentação Geral da Marinha, do Museu Naval e da Biblioteca Naval, todos no Rio de Janeiro. Apesar de muitos documentos possuírem acesso restrito, se observa que projetos específicos têm sido atendidos.

CONCLUSÕES

O levantamento bibliográfico confrontado com o levantamento documental do ABSN indica que o primeiro não reflete o conhecimento existente sobre o assunto, havendo a necessidade de uma obra que reúna os dados compilados pelo Arquivo Brasileiro de Sinistros Navais. A intenção do Instituto Cultural Soto Delatorre de publicar o ABSN em parceria com a Marinha, não só preencherá uma lacuna em nossa literatura histórica naval, como também possibilitará incrementos das mais variadas instituições, certamente resultando em seguidas edições. O banco de fotografias, imagens, documentos, reportagens impressas, livros, entre outros, também será disponibilizado junto à Marinha, auxiliando o atendimento as demandas governamentais relacionadas ao assunto, quando solicitado, servindo de ferramenta para diversos fins correlacionados.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F.; H. NEVES. 2001. *Náufragos e naufrágios no litoral do Rio Grande*. Editora FURG, Rio Grande.
- ARAÚJO, J. G. de. 2000. *Naufrágios e afundamentos. Costa do Brasil. 1503-1995*. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador.
- ARAÚJO, J. G. de. 2003. *Naufrágios e afundamentos na costa brasileira*. Empresa Gráfica da Bahia, Salvador. 91p.
- BRASIL. MARINHA. 1983. *Relíquias navais do Brasil*. Serviço de Documentação Geral da Marinha, Rio de Janeiro. 125p.
- CARVALHO, M. & C. A. ACCIOLY. 2006. SINAU – Sistema de Informações de Naufrágios. In: Naufrágios do Brasil. www.naufragiosdobrasil.com.br (acessado em 2 de agosto de 2006).
- GALINDO, J. E. 2001. *Guia dos naufrágios da Baía de Ilha Grande*. Grupo 1, São Paulo.
- GAMA E SILVA, J. J. 1948. *O naufrágio do Norteloide. Tribunal Marítimo – Processo nº1.242. Defesa do Lloyd Brasileiro*. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro. 33p.
- GOMES FILHO, E. 1993. *História dos célebres naufrágios do Cabo Frio*. Texto e Arte, Rio de Janeiro.
- GOMES FILHO, E. 1995. *A tragédia do Magdalena*. Litteris, Rio de Janeiro. 111p.
- LEME DE CASTRO, D. P. 1938. Desastres marítimos no Brasil. p.301-388. In: Subsídios para a história marítima do Brasil, Vol. 1. Imprensa Naval, Rio de Janeiro. 398p.
- MEDEIROS FILHO, O. 1988. *Naufrágios no litoral potiguar*. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal. 60p.
- MIRANDA, J. 1991. *Histórias dos naufrágios no litoral paraibano. 1500-1991*. João Pessoa.
- ROSSINI, J. C. 1999. *Sinistros marítimos. Costa do Estado de São Paulo. 1900-1999*. Apua Service, Massa. 74p.